PROJETO DE PESQUISA

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS (INRC): Lida campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã

Proponentes:

Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC)

Cedência de metodologia:

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Realização:

Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas

Pelotas – Rio Grande do Sul – 2017

1. Apresentação

Este projeto compreende a extensão do conhecimento documentado pelo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): Lida Campeira na Região de Bagé/RS[1] (n° 7.03.00.013), acerca dos saberes e modos de fazer que envolvem a criação pecuária no pampa brasileiro para a região do Alto Camaquã, localizado na Serra do Sudeste. O trabalho consiste em uma proposta de Antropologia colaborativa, construída a partir da criação conjunta que envolve diferentes instituições, pesquisadores e coletivos locais detentores dos saberes e modos de fazer. O trabalho coletivo e participativo é uma forma de envolver os atores, principalmente os coletivos locais, para que, com suas histórias e experiências, possam se apropriar das questões trazidas pelas fichas de identificação a fim de identificar, valorizar e produzir os documentos sobre a lida.

O INRC: Lida campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã se constitui por uma demanda da Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC) junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão responsável por ceder a metodologia para a extensão. A execução deste projeto será realizada pelo Bacharelado em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas (ICH-UFPel), no período que compreende os anos 2017 e 2018. O Inventário e sua extensão tem como objetivos identificar, documentar, construir conhecimento sobre a *lida campeira* para fins de registro como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, categoria reconhecida a partir de 2006, após acordo ratificado com a UNESCO.

O INRC é uma metodologia desenvolvida pelo IPHAN para conhecimento de *bens culturais* representativos para determinado grupo. Enquanto resposta a necessidade de classificar e salvaguardar bens imateriais, foram criadas, a partir do ano 2000, comissões com a finalidade de propor formas de proteger a memória coletiva, culminando no

[1] O INRC - Lida Campeira na Região de Bagé/RS configurou-se a partir da demanda da Prefeitura de Bagé, com financiamento e cedência da metodologia pelo IPHAN. O plano de trabalho foi executado Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O trabalho de campo foi executado no período de 2010 a 2012. A entrega dos Relatórios Finais, dos 05 Filmes e do CD-room Interativo foi realizada em 2013. Os relatórios se situam em análise no departamento do Patrimônio Imaterial junto ao IPHAN. (RIETH et al, 2013).

reconhecimento dessas manifestações como bens nacionais e na definição do conceito de patrimônio cultural imaterial, estabelecida pela Unesco em 2003, que o define como:

> [...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (FREIRE, 2005: 16).

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 32ª sessão, estabelece que o "patrimônio cultural imaterial", tal como definido acima, se manifesta em particular nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) as expressões artísticas; c) as práticas sociais, rituais e atos festivos; d) os conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) as técnicas artesanais tradicionais.

Ao mesmo tempo, afirma que se entende por "salvaguarda" as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a preservação e a promoção deste patrimônio em seus diversos aspectos. Tal patrimônio imaterial, fundado sobre a Tradição, é apresentado como intangível e também como absolutamente dinâmico uma vez que revela uma renovação constante de suas formas de expressão.

No trabalho iniciado em 2010, a equipe vem acessando a *área cultural do pampa* (LEAL, 1997) por meio de trabalho de campo e acompanhamento das atividades realizadas pelos sujeitos detentores dos ofícios, denominados como *campeiros*, que vivenciam ou vivenciaram a lida da pecuária. São eles proprietários de terras – de grandes extensões, médias ou propriedades familiares – e/ou peões campeiros, trabalhadores rurais, que desempenham ou desempenharam as atividades de doma, pastoreio, esquila, ofício do guasqueiro, tropeada, lida caseira, entre outras.

A *lida campeira* abarca uma série de atividades com relação ao manejo dos rebanhos e ao cotidiano da propriedade se configurando como um *modo de vida*. Atenta-se para a noção de *modo de vida* para ressaltar o quanto *a lida* com os rebanhos de ovinos, bovinos e equinos está articulada com saberes cosmológicos sobre as relações entre humanos, outros animais e o ambiente. Configura um trabalho que acompanha os ciclos da criação, os horários do sol, as estações do ano, os períodos de chuva e de seca, com as tecnologias desenvolvidas no campo científico e com a racionalização do próprio trabalho.

Nesse sentido, o trabalho etnográfico, também produz a invenção da cultura campeira, de acordo Roy Wagner, onde a ideia de relação destes distintos agentes atua em um processo constante de construção, em que o antropólogo é o elo entre duas culturas que são experienciadas. (WAGNER, 2010). Assim, a cultura campeira é percebida na dinâmica da relação entre diferentes experiências, onde as transformações destes modos de vida se produzem na relação entre a Tradição e a invenção, em seu aspecto criativo, desde a instauração da atividade da pecuária no pampa. Colocando-se como um território de existência (GOLDMAN, 2005), entendemos a pluralidade de possibilidades que atuam na constituição de ser dos sujeitos e grupos sociais.

Tomando as culturas como patrimônio (GONÇALVES, 2005), e considerando as dimensões elegidas pela metodologia do INRC, atenta-se para a superação da dicotomia entre bens materiais e imateriais, na articulação entre o passado e o presente, tendo em vista os registros da história, da memória e o da experiência que se armam para compor, no caso, a cultura campeira como um modo de vida.

2. Justificativa

A particularidade deste contexto de pecuária no Sul do Brasil evidencia um conjunto de fatores que dialogam com o então conhecimento produzido para a elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): Lida Campeira na Região de Bagé/RS, entregue em 2013. Esse pedido é resultado de um processo de trabalho que se constituiu por meio de encontros entre os pesquisadores do INRC, pesquisadores da

Embrapa Pecuária Sul e membros da Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC). Nesses encontros, foi-se percebendo a particularidade da lida no contexto do Alto Camaquã, o que fez repensar a diversidade da paisagem pampeana, dos modos de vida e dos manejos pecuários.

Geograficamente, a região do Alto Camaquã (figura 1) constitui a parte superior da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã. Inclui áreas dos municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Hulha Negra, Lavras do Sul, Piratini, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista.

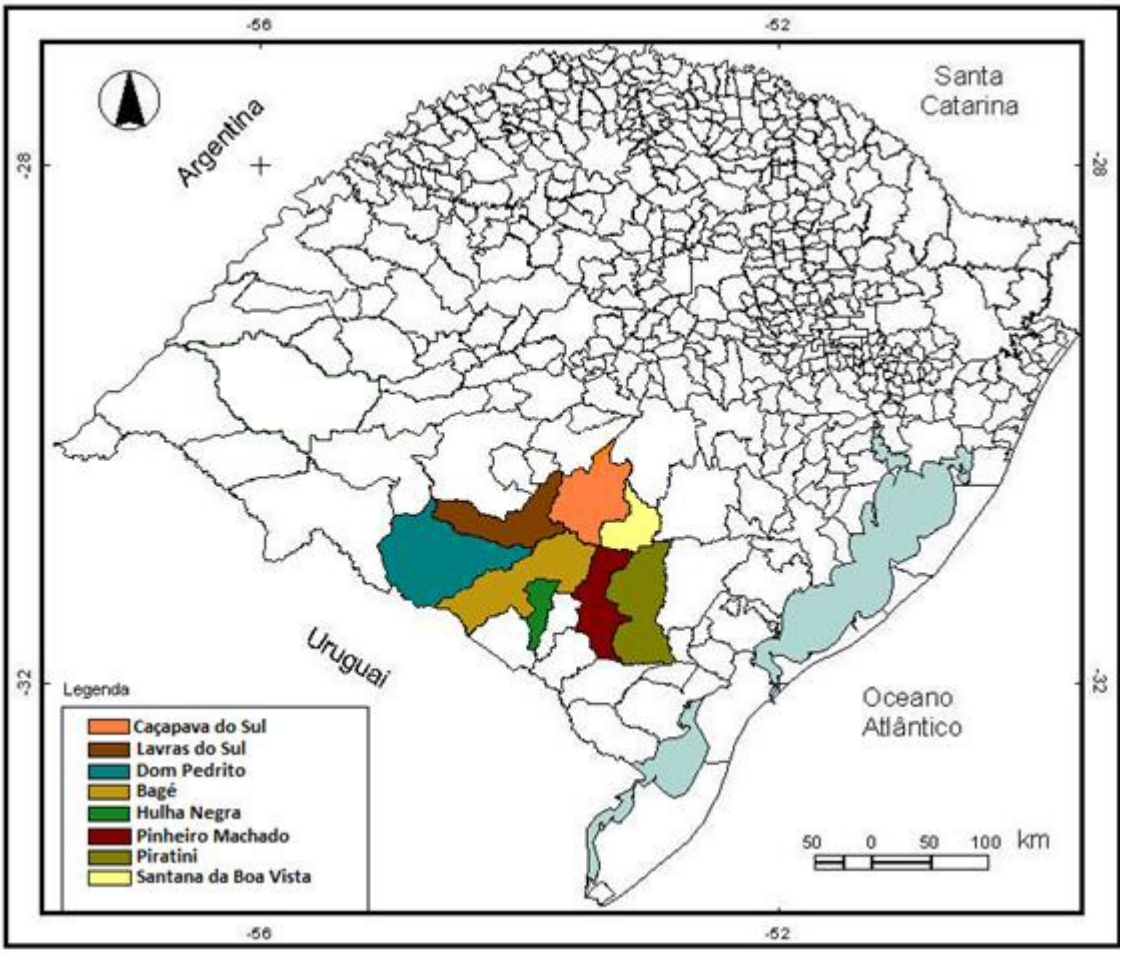

Figura 1 – Mapa da região do Alto Camaquã (DEGRANDI, 2011, p.55).

No pampa, predominam os campos abertos, que, em sua vastidão, ultrapassam as fronteiras geopolíticas do Brasil, o Uruguai e a Argentina. A construção social dos campos como paisagem vocacionada para a pecuária se processa com a introdução dos

rebanhos bovino, equino, ovino e caprino, constituindo a história de um modo de vida campeiro alicerçada na relação entre humanos, outros animais e ambiente.

A diversidade do pampa é destacada pela particularidade dos campos de pedra, afloramentos rochosos na região do Alto Camaquã, também conhecido como Serra do Sudeste. Enquanto a paisagem campestre é descrita pela cobertura densa e variada de espécies de gramíneas nativas, por estreitas matas ciliares às margens de cursos d'água, pelas ondulações suaves das coxilhas, nos campos de pedra, ou campos dobrados, figuram os acidentes geográficos, perais íngremes e *guaritas* recobertas por uma vegetação herbácea associada a uma vegetação arbustiva e arbórea de pequeno e médio porte (mosaicos de campo-floresta) e gramíneas lenhosas. São caraguatás, sarandis, vimes, corticeiras, que crescem nas várzeas, junto aos banhados e às sangas devido a riqueza hídrica da região que conforma a Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã.

Outro elemento que diferencia a região é o fato de nos campos abertos ocorrer o predomínio das grandes propriedades, enquanto nos campos de pedra, região invisibilizada na literatura sobre o pampa, observam-se pequenas propriedades de pecuária familiar, diversidade que produz diferenças no manejo dos rebanhos, conforme o seguinte relato:

> *Lá nas Palmas tu não é ninguém sem cachorro. As vacas se embretam no mato e não tem jeito de tirar de lá, cavalo não entra, só cachorro. Tem um conhecido meu que tem como dez cachorros, ele sai a cavalo, mas os cachorros que fazem todo o serviço. Eles têm muito cabrito naqueles peraus [terrenos escarpados, com muitas pedras]. Peão novo lá tem que passar um tempo aprendendo, não é todos que se acostumam. Uma vez foi um trabalhar lá nesse meu conhecido, ficou dez dias e não aguentou, foi embora. Era peão de campo aberto, de estância grande. Era bom campeiro, mas quem campereia em campo aberto não campereia nas Palmas, é cada grota e cada perau que muitos repunam*. (INRC, 2013).

A região do Alto Camaquã caracteriza-se pelo predomínio da produção pecuária em campos nativos e pelas pequenas e médias unidades produtivas voltadas para esta atividade, diferente das grandes propriedades que a pesquisa realizada anteriormente

pelo INRC: Lida Campeira na Região de Bagé/RS havia encontrado na região dos campos lisos. Isso dialoga com a atual produção acadêmica sobre a região, que apresenta o Alto Camaquã como um lugar estratégico para a conservação do bioma pampa e dos modos de vida que o caracterizam em suas potencialidades econômicas, culturais e ambientais. A presença, documentada pelo INRC, de povos tradicionais, como indígenas, quilombolas e pecuaristas familiares, foi deixada em segundo plano, tanto academicamente, como historicamente e economicamente.

Foi a partir da emergência dos pecuaristas familiares, enquanto uma categoria social que compõem a estrutura fundiária do Rio Grande do Sul, que a historiografia começou a questionar a concepção de um passado com uma estrutura agrária marcada pelas grandes estâncias, cujas relações sociais estavam baseadas nos pares estancieiro/peão livre assalariado e passou a apontar para a presença de pequenos produtores, lavradores e pastores, que se utilizavam a mão de obra familiar. Esses pequenos produtores eram também trabalhadores sazonais ou efetivos nas grandes estâncias, como forma de complementarem suas rendas colocando em questão a noção tradicional do "peão solitário" vagando pelo pampa (OSÓRIO, 2016; FERNANDES & MIGUEL, 2016).

A partir do ano 2000, estes pequenos produtores voltados para a atividade pecuária (criação de bovinos de corte e ovinos) começaram a chamar a atenção de pesquisadores e extensionistas rurais. Constatou-se que mais de 70% dos estabelecimentos rurais da região são de pequenas unidades de produção que utilizam a mão de obra familiar e cujo modo de vida está baseado no intercâmbio com o ambiente, principalmente por utilizar o pasto nativo como a principal fonte alimentar dos rebanhos – algo que torna a carne produzida na região um fator diferenciado no que diz respeito a sua qualidade (WAQUIL et al, 2016). Mantendo um modo de vida orientado pelos ciclos naturais das plantas e dos animais, os pecuaristas familiares possuem, geralmente, pequenos rebanhos de bovinos e ovinos. Realizam, junto aos familiares, todas as etapas dos serviços de manutenção da propriedade, como o conserto de alambrados, as camperiadas, a confecção de artefatos em lã e em couro para uso nas lidas. Eventualmente, complementam a renda vendendo a força de trabalho em outras propriedades e realizando serviços como a de peão campeiro, na doma de cavalos, como

alambrador ou comercializando os artefatos confeccionados. (MAZURANA et al, 2016).

Por essas características a região do Alto Camaquã, considerada a região mais pobre do Rio Grande do Sul, que ficou nas margens dos modelos de desenvolvimento exógenos, se caracteriza pelo alto índice de pastos nativos, sendo um lugar estratégico para preservação e conservação do bioma pampa. Assim, em 2008, com a promoção de políticas de desenvolvimento endógeno, realizado pela Embrapa Pecuária Sul, com o objetivo de valorizar os saberes locais associados ao manejo dos rebanhos e dos campos nativos enquanto patrimônios históricos e naturais, designou uma série de estratégias de produção e comercialização de produtos da região. Esse processo culminou na criação de uma rede de associações que congregaram, em 2009, na Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), que passou a deter a propriedade da marca coletiva Alto Camaquã (BORBA, 2016). Entre os produtos dessa marca coletiva estão a produção carne de ovelhas em pastos nativos, turismo de contato, artesanato em couro e em lã, fabricação de produtos caseiros e comercialização de mel.

Por conseguinte, a região se caracteriza também pela presença de territórios negros, cuja ontologia também está fundamentada na lida campeira. São descendentes de trabalhadores negros escravizados das estâncias de pecuária da região, que vieram a ser enquadrados posteriormente como peões, alambradores, domadores, esquiladores, posteiros, tropeiros e, mais frequentemente, como changueiros. O trabalho de changuear, fazer serviços gerais rápidos pelas estâncias da região (consertar arames, limpar algum campo, cuidar de algum animal, esquilar alguma ovelha, cortar lenha, carnear, etc.), sem vínculo empregatício ou salarial, em troca de valores ínfimos em dinheiro ou de algum "pedaço de carne"; a plantação de roças e lavouras em terras alheias, como meeiros, enfim, formas precárias de sustento e exigentes de constante deslocamento, geralmente a pé, articulam uma história comunitária em que há o predomínio de relações de exploração do saber-fazer negro.

Atualmente, a criação de caprinos e de ovinos, a produção de mel, a fruticultura, a feitura de doces para serem vendidos nas feiras da cidade, o acesso a crédito rural, à

aposentadoria e aos direitos vinculados ao estatuto de produtor rural – acessados principalmente a partir da formação da Associação Quilombola – apontam para outras possibilidades de sustento e manutenção da vida na localidade. Assim, as famílias quilombolas adquiriram a possibilidade de usufruir de forma sustentável dos recursos naturais do território que habitam (e onde historicamente habitaram seus ancestrais).

Entretanto, a particularidade do Alto Camaquã, associada ao modo de vida dos pecuaristas familiares e quilombolas, cujo saberes e modos de fazer estão associados ao manejo sustentável dos ecossistemas, encontra-se ameaçada pela instalação de uma mineradora no município de Caçapava do Sul, às margens do Rio Camaquã. Nesse sentido, entendemos o caráter de urgência do processo seguindo a premissa de que a promoção e proteção destes modos de criar, fazer e viver é um dever constitucional do Estado.

3. Objetivo

Considerando a especificidades dos manejos na região do Alto Camaquã, trazidos em discussões junto aos integrantes que compõem a ADAC, propomos etnografar o pastoreio de ovinos, bovinos e caprinos, bem como a feitura do artesanato em lã e a atividade da lida caseira nos campos de pedra, que no INRC – Lida Campeira na Região de Bagé/RS como associada. Ressaltamos que, em debate realizado na 8ª Expo Alto Camaquã, realizada no dia 14 de julho de 2017, em Bagé, foi demandado aprofundar a lida caseira, atentanto ao recorte de gênero e da divisão sexual do trabalho. Nestes termos, buscamos ampliar estas atividades anteriormente inventariadas. No processo, focamos nas técnicas e saberes associados às práticas dos conhecimentos tradicionais da região.

4. Metas

- Extensão dos trabalhos realizados pelo INRC – Lida Campeira na Região de Bagé/RS para a região do Alto Camaquã, ampliando uma das discussões sobre o modo de vida campeiro e a região pampeana;

- Realizar o levantamento preliminar de dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações sociais entre humanos, animais e ambientes envolvidos na produção pecuária na região e sua consecutiva documentação e divulgação;

- Etnografar a constituição da região do Alto Camaquã, a partir da experiência de relação entre os humanos e ambiente dentro de um processo histórico e cultural;

- Entender a construção do modo de vida por meio de suas interações com os animais não humanos;

- Promover palestras, oficinas e reuniões de trocas de experiências com o objetivo de incentivar a troca de conhecimentos enquanto uma ação de valorização e de salvaguarda dos bens culturais;

- Elaborar a extensão do conhecimento e documentação a respeito da lida na região do Alto Camaquã, conforme a metodologia do IPHAN;

- Realizar palestras, oficinas e reuniões com os detentores dos saberes e modos de fazer visando o processo de preenchimento das fichas de identificação dos saberes e modos de fazer;

- Por conseguinte, se propõem a extensão das fichas dos saberes e modos de fazer vinculando ao contexto da região. A saber: Ficha dos Saberes e Modos de Fazer do pastoreio com bovinos; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer do pastoreio com ovinos; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer do pastoreio com caprinos; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer artesanato em lã; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer lida caseira.

5. Etapas da execução

As etapas apresentadas a seguir seguem os critérios adotados pela metodologia do IPHAN e estão diretamente relacionadas umas às outras, sendo importante destacar o

papel do trabalho de campo e a pesquisa colaborativa como elementos essenciais para a produção de conhecimento sobre a lida campeira na região do Alto Camaquã.

Assim, a o planejamento e a execução seguem as seguintes etapas:

- Constituição da equipe de pesquisadores e consultores;

- Realização de levantamento bibliográfico acerca da região do Alto Camaquã;

- Preenchimento das fichas do levantamento bibliográfico;

- Delimitação do sítio da pesquisa e mapeamento das localidades abrangidas pelo trabalho de campo;

- Constituição da lista de contatos a serem entrevistados;

- Realização das entrevistas, oficinas e rodas de conversa com interlocutores vinculados ao universo da pesquisa;

- Registro etnográfico em feiras, remates, exposições, esquilas, marcações, transportes, leilões de animais e outros eventos relacionados ao universo da pesquisa;

- Registro etnográfico do trabalho de criação, reprodução e comercialização dos rebanhos ovinos, bovinos e caprinos, configurado na lida campeira;

- Constituição de acervo documental (visual e audiovisual) dos registros de pesquisa;

- Elaboração dos relatórios parciais e finais da extensão da metodologia do INRC;

- Elaboração de banners sobre os resultados da pesquisa.

6. Cronograma de execução

Período de Execução	Período: agosto de 2017 até Julho de 2018												
	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Atividades													
Elaboração do plano de trabalho	**X**												
Formação da equipe	**X**												
Levantamento bibliográfico		**X**	**X**	**X**	**X**	**X**							
Pesquisa de campo		**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**					
Elaboração dos relatórios bimestrais			**X**			**X**			**X**		**X**		
Elaboração do relatório final								**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**
Elaboração dos produtos audiovisuais finais								**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**

7. Referências bibliográficas

BORBA, Marcos Flávio. Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. WAQUILL, Paulo; MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos Flávio. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 187-214, 2016.

DEGRANDI, Simone Marafiga. **Ecoturismo e interpretação da paisagem no Alto Camaquã/RS**: uma alternativa para o (des)envolvimento local. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

FERNANDES, Valéria; MIGUEL, Lovois. A presença histórica da pecuária familiar na região da campanha do Rio Grande do Sul (Santana do Livramento, século XIX). WAQUILL, Paulo; MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos Flávio.

Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 41-64, 2016.

FREIRE, Beatriz. O inventário e o registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 11-20, 2005.

GOLDMAN, Márcio. Formas do saber e modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 102-120, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividades: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, n. 23, p. 15-36, 2004.

KOSBY, Marília Floor. A presença viva da Comunidade Quilombola de Palmas, em Bagé/RS. Texto para subsídio para a discussão dos impactos da atividade mineradora sobre as populações tradicionais, 2016.

LEAL, Ondina. Do etnografado ao etnografável: o "sul" como área cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 7, p. 201-214, 1997.

MAZURANA, Juliana, et al. **Povos e comunidades tradicionais da pampa.** Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016.

OSÓRIO, Helen. Pastores, lavradores do Rio Grande, séculos XVIII e XIX. WAQUIL, Paulo et al**. Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 15- 40, 2016.

PEREIRA, Fabíola, RIETH, Flávia; KOSBY, Marília Floor. Inventário Nacional de Referências Culturais – Pecuária, Bagé/RS. BEVILAQUA, Ciméa; VELDEN, Felipe. (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. Curitiba, São Carlos: EdUFPR, EdUFSCar, p. 189-206, 2016.

RIETH, Flavia; KOSBY, Marília Floor et al. **Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS**. V. 2, 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013.

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel Vaz; BARRETO, Eric. *Lida brabíssima*: a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos e animais na pecuária extensiva no pampa brasileiro. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, p. 81-91, 2016.

SILVA, Cristiano Lemes da. **"Me" vou pilchado pra aula, um tento atando os "caderno", que eu sou o próprio Rio Grande cruzando o mundo moderno**: um estudo antropológico sobre a construção e atualização da identidade-subjetividade gaúcha no Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas – Visconde da Graça (IFSul CaVG). 136f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SILVA, Liza. **Entre *lidas***: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade. 128f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WAQUIL, Paulo, *et al*. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

Plano de trabalho

Projeto de pesquisa: INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS (INRC): lida campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã

1 Identificação da proposta

A proposta de pesquisa colaborativa e participativa que consiste em uma criação conjunta que envolve diferentes instituições, pesquisadores e os coletivos locais detentores dos saberes e modos de fazer, é uma forma de envolver os atores, principalmente os coletivos locais, para que, com suas histórias e experiências, possam se apropriar das questões trazidas pelas fichas de identificação a fim de identificar, valorizar e produzir os documentos sobre a lida.

O INRC: Lida campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã se constitui por uma demanda da Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC) junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão responsável por ceder a metodologia para a extensão. A execução deste projeto será realizada pelo Bacharelado em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no período que compreende os anos 2017 e 2018. O Inventário e sua extensão tem como objetivos identificar, documentar, construir conhecimento sobre a *lida campeira* para fins de registro como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, categoria reconhecida a partir de 2006, após acordo ratificado com a UNESCO.

A *lida campeira* abarca diversas atividades com relação ao manejo dos rebanhos e ao cotidiano da propriedade se configurando como um *modo de vida*. Atenta-se para a noção de *modo de vida* para ressaltar o quanto *a lida* com os rebanhos de ovinos, bovinos e equinos está articulada com saberes cosmológicos sobre as relações entre humanos e outros animais e o meio ambiente, a um trabalho que acompanha os ciclos da criação, os horários do sol, com as tecnologias desenvolvidas no campo científico e com a racionalização do próprio trabalho.

Por conseguinte, em um trabalho conjunto a ADAC, fora ressaltado as especificidades dos manejos na região do Alto Camaquã. Propomos, assim, etnografar o pastoreio de ovinos, bovinos e caprinos, bem como a feitura do artesanato em lã nos campos de pedra, que no INRC dos campos lisos aparece como associada. Na conversa realizada em fórum na 8ª Expo Alto Camaquã, realizada no dia 14 de julho de 2017, foi demandado aprofundar a lida caseira, atento ao recorte de gênero e da divisão sexual do trabalho. Nestes termos, buscamos ampliar estas atividades anteriormente inventariadas. No processo, focamos nas técnicas e saberes associados às práticas dos conhecimentos tradicionais da região.

2 Objetivos a serem alcançados

- Extensão dos trabalhos realizados pelo INRC – Lida Campeira na Região de Bagé/RS para a região do Alto Camaquã, ampliando uma das discussões sobre o modo de vida campeiro e a região pampeana;

- Realizar o levantamento preliminar de dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações sociais entre humanos, animais, utensílios e ambientes envolvidos na produção pecuária na região e sua consecutiva documentação e divulgação;

- Etnografar a constituição da região do Alto Camaquã a partir da experiência de relação entre os humanos e ambiente dentro de um processo histórico e cultural;

- Entender a construção do modo de vida por meio de suas interações com os animais não humanos;

- Promover palestras, oficinas e reuniões de trocas de experiências com o objetivo de incentivar a troca de conhecimentos enquanto uma ação de valorização e de salvaguarda dos bens culturais;

- Elaborar a extensão do conhecimento e documentação a respeito da lida na região do Alto Camaquã, conforme a metodologia do IPHAN;

- Realizar palestras, oficinas e reuniões com os detentores dos saberes e modos de fazer visando o processo de preenchimento das fichas de identificação dos saberes e modos de fazer;

- Por conseguinte, se propõem a extensão das fichas dos saberes e modos de fazer vinculando ao contexto da região. A saber: Ficha dos Saberes e Modos de Fazer do pastoreio com bovinos; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer do pastoreio com ovinos; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer do pastoreio com caprinos; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer artesanato em lã; Ficha dos Saberes e Modos de Fazer lida caseira.

3 Atividades a serem desenvolvidas

- Levantamento bibliográfico da literatura sobre a historiografia da região, bem como livros, artigos e textos que ajudem na compreensão do Alto Camaquã;

- Contatos e planejamento para a realização de debates, entrevistas, oficinas e rodas de conversa com os interlocutores apresentando a pesquisa e a possibilidade de acompanhar as suas atividades e modos de vida.

- Sistematização da pesquisa de campo, no que se refere à experiência e vivência com os grupos acompanhado suas atividades e seus modos de viver;

- **Organização e análise do material levantado**, tais como transcrição de entrevistas e preenchimento das fichas da metodologia do INRC a partir dos dados de campo;

- E**laboração do relatório final** e envio para o IPHAN.

4 Cronograma de desenvolvimento

Período de Execução	Período: agosto de 2017 até agosto de 2018												
	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Atividades													
Elaboração do plano de trabalho	**X**												
Formação da equipe	**X**												
Levantamento bibliográfico		**X**	**X**	**X**	**X**	**X**							
Pesquisa de campo		**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**					
Elaboração dos relatórios bimestrais			**X**			**X**			**X**		**X**		
Elaboração do relatório final								**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**
Elaboração dos produtos audiovisuais finais								**X**	**X**	**X**	**X**	**X**	**X**